

Crise climática e escatologia do cuidado

Climate crisis and the eschatology of care

Alonso Gonçalves¹

RESUMO

O artigo é sobre a escatologia da igreja e como esse ramo da teologia cristã pode contribuir para que a igreja trate as mudanças climáticas com compromisso ético e responsabilidade teológica. Para esse intento, estamos trabalhando a escatologia e sua relação com a crise climática, procurando demonstrar a contribuição que a mensagem de esperança da igreja pode ter nesse cenário de mudanças climáticas, começando pela própria igreja. Dessa maneira, este texto parte do pressuposto de que as mudanças climáticas são uma realidade e, por essa razão, não está em discussão a negação dessa realidade em hipótese alguma. Para que a igreja forneça uma escatologia do cuidado, tendo como discussão as mudanças climáticas, será preciso repensar aspectos da escatologia que, por algumas razões, prejudicaram a participação da igreja nesse debate. A proposta desse artigo é repensar a escatologia tendo no seu horizonte a crise climática que todos nós estamos envolvidos.

PALAVRAS-CHAVE

Crise climática; Escatologia; Igreja.

ABSTRACT

The article is about the eschatology of the church and how this branch of Christian theology can contribute to the church addressing climate change with ethical commitment and theological responsibility. To this end, we are working on eschatology and its relationship with the climate crisis, seeking to demonstrate the contribution that the church's message of hope can have in this climate change scenario, starting with the church itself. In this way, this text starts from the assumption that climate change is a reality and, for this reason, denying this reality under no circumstances is under discussion. In order for the church to provide an eschatology of care, taking climate change into account, it will be necessary to rethink aspects of eschatology that, for some reasons, have hindered the church's participation in this debate. The purpose of this article is to rethink eschatology with the climate crisis we are all involved in in mind.

¹ Doutor em Ciências da Religião (UMESP); Pós-doutor em Teologia (PUC-SP).

KEYWORDS

Climate Crisis; Eschatology; Church.

Introdução

Não há como ignorar o fato de que o clima está mudando. Os negacionistas alegam que sempre foi assim que o planeta se comportou e que essas mudanças, de tempos em tempos, são naturais. Já os climatologistas estão dizendo, já tem um tempo, que a atividade humana tem contribuído para acelerar esse processo e, se nada for feito, chegará a um nível irreversível, ou seja, não terá mais o que fazer para atenuar os efeitos das mudanças climáticas. Em seu livro, que muitos consideraram alarmista, David Wallace-Wells não mediu esforços para assegurar que o planeta corre um sério risco de ficar “inabitável” devido à escassez de elementos primários para a sobrevivência como comida e água, e os desastres naturais decorrentes do aquecimento global.²

Em junho de 2024, um grupo de pastores, pastoras, teólogos, lideranças comunitárias, integrantes do Conversas Pastorais, participaram de uma visita técnica em dois institutos de excelência acadêmica e pesquisa do Brasil, especializados em estudar o clima e fazerem a previsão e prevenção de desastres naturais: são eles o INPE – Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais e o CEMADEN – Centro Nacional de Monitoramento e Alertas de Desastres Naturais. Essas duas instituições são as principais referências do país com autoridade e credibilidade científica para indicar as mudanças que vem ocorrendo no Brasil e estabelecer diretrizes para prevenção de desastres naturais no território nacional.

Nesse encontro, descobrimos que a concentração de CO₂ (dióxido de carbono) na atmosfera em 2021 ultrapassou a variabilidade natural observada nos últimos 650 mil anos. Sim, o aquecimento global já aconteceu no passado, mas era um processo gradativo e lento, mas agora está acelerando de maneira exponencial. Ocorre que esse aceleração do aquecimento global é provocado, dentre outros gases como o metano (CH₄) e óxido nitroso (N₂O), pelo CO₂. A emissão desse gás em quantidade elevada tem a participação efetiva da atividade humana, principalmente a dinâmica econômica que segue a todo o vapor desde a industrialização. A postura predatória de tratar os recursos que o planeta fornece, também é fator indiscutível entre os cientistas e pesquisadores do clima para o aumento do aquecimento global. A ação humana, como força determinante nos rumos do planeta, tem sido qualificada como *Antropoceno*, o que seja, “os seres humanos passaram a mobilizar energia e recursos naturais em escala tão alucinante, que começaram a subverter a própria biosfera”.³ A partir do século XX, os seres humanos se tornaram os principais responsáveis pelas mudanças que o planeta está passando.

Esse processo, que já dura muitos anos, nos trouxe para aquilo que os pesquisadores do clima chamam de “crise climática”. O que seja isso? Crise climática são os sinais de mudança no clima global devido ao acúmulo de CO₂ e outros gases que levam a intensificar o efeito estufa na atmosfera. Ainda que o efeito estufa seja um fenômeno natural e necessário para manter a temperatura do planeta em níveis confortáveis para todo o ecossistema e os humanos, os

² WALLACE-WELLS, David. *A terra inabitável: uma história do futuro*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

³ VEIGA, José Eli da. *O Antropoceno e as humanidades*. São Paulo: Editora 34, 2023, p. 20.

gases poluentes, em especial o CO₂, tem alterado esse comportamento gerando as mudanças climáticas que incluem secas intensas, escassez de água, incêndios severos, aumento do nível do mar, inundações, derretimento das geleiras, tempestades torrenciais e desequilíbrio na biodiversidade.

Os efeitos das mudanças climáticas estão, cada vez mais, perceptíveis no Brasil. Dados de institutos de pesquisas como o INPE e o CEMADEN, demonstraram que em 2023 a média das temperaturas no país ficou em 24.92°C, ou seja, um aumento de 0.69°C acima da média histórica de 1991 a 2020, que era de 24.23°C. De acordo com o INMET – Instituto Nacional de Meteorologia, dos 12 meses do ano de 2023, 9 meses tiveram médias mensais de temperatura acima da média histórica. Em setembro de 2023, foi possível observar a maior anomalia de temperatura, que foi de 1,6°C acima da média histórica de 1991 a 2020. O calor que o país enfrenta já são efeitos das mudanças climáticas sendo o *El Niño* um dos fenômenos que mais influência para essas mudanças. Não há como ignorar que os eventos climáticos estão mais frequentes e mais severos no Brasil. As inundações que ocorreram no estado do Rio Grande do Sul foi inimaginável e superou qualquer previsão. Os pesquisadores alertam que a tragédia climática no Sul do país pode ser um fenômeno recorrente em outras partes do Brasil com intervalo menor.

Este não é um texto sobre o clima e a consequência das mudanças climáticas que o planeta e o Brasil vêm enfrentando. Sobre esse tema, há excelentes leituras que informam, esclarecem e apontam perspectivas para o futuro. Antes, este texto é sobre a escatologia da igreja e como esse ramo da teologia cristã pode contribuir para que a igreja trate as mudanças climáticas com compromisso ético e responsabilidade teológica. Para esse intento, estamos trabalhando a escatologia e sua relação com a crise climática, procurando demonstrar a contribuição que a mensagem de esperança da igreja pode ter nesse cenário de mudanças climáticas, começando pela própria igreja. Dessa maneira, este texto parte do pressuposto de que as mudanças climáticas são uma realidade e, por essa razão, não está em discussão a negação dessa realidade em hipótese alguma.

Para que a igreja forneça uma escatologia do cuidado, tendo como discussão as mudanças climáticas, será preciso repensar aspectos da escatologia que, por algumas razões, prejudicaram a participação da igreja nesse debate. A formação teológica das igrejas no Brasil tem como marca uma visão antropológica pessimista; uma compreensão de pecado moralista; uma eclesiologia isolada do mundo; uma soteriologia ainda individualista e, por consequência, uma escatologia fatalista e escapista, alimentada pela ideia de que o “mundo será destruído” com a “segunda vinda de Jesus”. Logo, para que se preocupar com algo que irá acabar de qualquer jeito? Infelizmente essa cosmovisão é uma constante nos púlpitos e seminários de formação pastoral pelo Brasil. Esses temas teológicos seguem sendo particularizados pela igreja, sem incidência político-social. O desdobramento desse comportamento são visíveis: há igrejas preocupadas com o “céu”, tornando este mundo apenas uma “sala de espera”; há igrejas preocupadas em tirar do “mundo” tudo que pertence aos “filhos de Deus” antes que ele acabe; há igrejas alienadas das demandas sociais e políticas porque consideram que essas demandas não são para os “crentes”; e, por outro lado, há igrejas que querem tomar “posse do poder político” porque, de alguma maneira, o “Reino de Deus” será antecipado quando todas as pessoas em todos os lugares estiverem sob o domínio dos “crentes”.

É a partir desse emaranhado de percepções “teológicas” e eclesiais, que caracterizam a realidade da chamada “Igreja Evangélica Brasileira”, que este texto se propõe a repensar a escatologia tendo no seu horizonte a crise climática que todos nós estamos envolvidos. Mesmo

que haja estudos, seminários, vídeos na *internet* e coletivos que procuram dar visibilidade ao tema “ecologia” e a sua emergência, o assunto segue sendo tabelado politicamente e rechaçado teologicamente. Isso se deve, também, porque alguns qualificam a temática como pertencente a um lado político, devido a polarização que o País vem enfrentando já alguns anos. Esse cenário favorece a ignorância sobre fatos, evidências e estudos, mas, principalmente, a dimensão ecoteológica presente na Bíblia.

1. A herança escatológica dos evangélicos no Brasil

Uma das hipóteses para a falta de interesse dos evangélicos no tema “ecologia” está na herança escatológica dos missionários estadunidenses. A escatologia que os missionários trouxeram para o Brasil, tem como marca a compreensão de que este “mundo” será destruído quando na “segunda vinda de Jesus” e os crentes, dependendo da percepção tribulacionista adotada, serão arrebatados antes ou depois desse evento. Antonio Gouvêa Mendonça, quando estudou a teologia dos missionários, atrelou essa visão apocalíptica adotada ao avivamento estadunidense.⁴ Essa discussão escatológica envolvendo o milênio é algo característico do círculo teológico estadunidense.

Não por acaso, que nos EUA a série de doze livros “Deixados para trás”, de autoria de Tim LaHaye e Jerry Jenkins, foi adaptado para o cinema e levou inúmeras pessoas a ter o primeiro contato com uma versão da escatologia marcada pelo fatalismo do mundo e o triunfalismo dos crentes. Também de lá que o livro “A agonia do grande planeta terra”, de Hal Lindsey, publicado no Brasil pela Editora Mundo Cristão em 1973, fez um enorme sucesso de vendas.⁵ O que esses textos têm em comum? Uma escatologia do medo, da destruição do planeta, da falta de esperança para o mundo. Por trás dessa leitura, está a interpretação sobre o *milênio* e sua versão como o pré-milenismo e o dispensacionalismo.

A correta interpretação acerca do milênio, significa também uma correta interpretação da igreja em relação ao mundo e a sociedade. A vertente do milênio que mais atraiu, e que ainda atrai adeptos em alguns ambientes teológicos, é o pré-milenismo. O pré-milenismo entende que o ser humano é incapaz de se aperfeiçoar e quanto mais houver o caos, maior será a “glória de Deus”. Quando o “Senhor Jesus Cristo retornar” e instaurar o milênio (uma interpretação literalista de Apocalipse 20), as coisas entrarão nos eixos definitivamente. Essa concepção ganhou força e o resultado foi o progressivo distanciamento da igreja com o mundo, este visto com animosidade. Mendonça ressalta que “o pré-milenismo incompatibilizou a igreja com qualquer atividade de melhoria social. A igreja concentrou-se em salvar almas, em arrancar ‘tições da fogueira’ antes do breve retorno de Cristo”.⁶ Uma igreja, cada vez mais voltada para si mesma, concentrou-se na evangelização e nas missões estrangeiras e outros temas foram solapados por essa concepção teológica, principalmente o tema da ecologia, por entender que tudo que ocorre ou que irá ocorrer é sinal da “glória de Deus”. Um exemplo dessa concepção vem do escritor

⁴ MENDONÇA, Antonio Gouvêa. *O celeste porvir: a inserção do protestantismo no Brasil*. São Paulo: ASTE, 1995, p. 68.

⁵ Para uma crítica ao livro, ver: ROLDÁN, Alberto Fernando. *Do terror à esperança: paradigmas para uma escatologia integral*. Londrina: Descoberta, 2001, p. 97-100.

⁶ MENDONÇA, 1995, p. 68.

John MacArthur Jr., que tem inúmeros livros traduzidos no Brasil. No seu livro “A sós com Deus: o poder e a paixão pela oração”, no capítulo intitulado “Venha o teu reino” ele diz:

A igreja tem uma única missão neste mundo: levar pessoas destinadas a passar a eternidade no inferno ao conhecimento salvador de Jesus Cristo e à eternidade no céu. Se as pessoas morrerem em um governo comunista ou em uma democracia, sob um ditador tirano ou benevolente, acreditando que a homossexualidade é certa ou errada, ou acreditando que o aborto é direito fundamental de escolha da mulher ou simplesmente um homicídio em massa, nada disso tem relação com onde elas passarão a eternidade. Se elas nunca conheceram Cristo e nunca o receberam como Senhor e Salvador passarão a eternidade no inferno. [...] Um dia o Senhor voltará para estabelecer o seu próprio reino perfeito. Então finalmente perceberemos o que temos esperado com tanta ansiedade – e o que os discípulos de Cristo do primeiro século desejavam ver – Cristo governar na terra e os povos do mundo prostrados de joelhos perante Ele.⁷

Como se observa, a preocupação última se dá em “tirar pessoas do inferno”. Temas como política, casamento de pessoas do mesmo sexo, pobreza e marginalização social são colocados em segundo plano, isso porque o centro da trama é a “segunda vinda de Jesus”.

A herança escatológica dos missionários favoreceu um fenômeno que Antonio Gouvêa Mendonça chamou de “Cristo no céu”. “Cristo no céu” está esperando os crentes “subirem” para lá; enquanto isso, os crentes aqui estão esperando Cristo “descer” de lá para arrebatá-la sua igreja. Esse impasse entre o subir dos crentes e o descer de Cristo torna a igreja ausente neste mundo, fazendo com que ela seja uma “sala de espera”.⁸

A fim de aproximar o debate da crise climática com a escatologia, faz-se necessário repensar alguns temas escatológicos que são mal compreendidos na realidade da grande maioria da chamada “Igreja Evangélica Brasileira”, por consequência da herança escatológica *made in USA*. Como o objetivo aqui é acentuar a mensagem de esperança da igreja para este mundo, será preciso fomentar uma escatologia do cuidado.

2. Escatologia: a mensagem de esperança da igreja

O debate sobre o milênio e suas versões, ficou circunscrito ao contexto dos EUA e no Brasil por razões já elencadas. No contexto europeu, esse debate sobre o milênio não chegou a ganhar força, até porque a reflexão teológica no continente foi marcada por duas grandes guerras, o que deu aos teólogos outros parâmetros para fazerem uma leitura escatológica permeada pela dor e o sentimento de reconstrução. Assim, Charles Harold Dodd pensou uma “escatologia realizada”, o que seja: se antes a escatologia era algo do futuro, esse futuro já passou para o presente, portanto, é um futuro realizado. Isso significa que não há qualquer expectativa para o que irá acontecer. Esse processo já foi realizado em Cristo. Karl Barth trata a escatologia fora do plano histórico, caracterizando a história como algo já dado e a escatologia ganha apenas uma perspectiva, vertical. Na dimensão horizontal se dá a crise da vida. Para Rudolf Bultmann, a escatologia é uma questão existencial que pode acontecer como resposta de fé à mensagem cristã.

⁷ MACARTHUR, JR., John. *A sós com Deus: o poder e a paixão pela oração*. Brasília: Palavra, 2009, p. 193.

⁸ MENDONÇA, Antonio Gouvêa. “A Bíblia cativa, Cristo no céu e a igreja ausente”. *Estudos de Religião*, ano IV, n. 6, p. 168-170, 1989.

Por essa razão, Bultmann não concebe os aspectos futuros da escatologia. Paul Tillich, por outro lado, entende a escatologia a partir de elementos simbólicos. O Reino de Deus é símbolo, assim como a vida eterna. Da mesma forma, a história é ignorada por Tillich e a escatologia ganha sentido existencial. Oscar Cullmann, dentre os citados, é o que mais levará em conta a leitura do Novo Testamento para a sua construção escatológica. É dele a tensão do “já e ainda não”. Aquilo que se cumpriu e aquilo que ainda irá se cumprir forma a tensão entre o presente e o futuro.⁹

Jürgen Moltmann será o responsável por colocar a escatologia no centro da construção teológica e desenvolver a esperança como chave hermenêutica para a igreja. Em diálogo com os teólogos citados, Moltmann apresenta uma escatologia levando em consideração a história e o futuro, com um adendo, Deus sempre está vindo.¹⁰

Moltmann foi um crítico a qualquer versão escatológica que não fosse centrada na história e escapista. Assim, uma escatologia milenarista foi duramente criticada por ele. Uma salvação individualista preocupada apenas com a “alma”, também. É essa versão escatológica que nutrimos no Brasil, herança dos missionários estadunidenses, e, em nossa percepção, responsável pela ausência do debate climático em nossas igrejas.

Uma igreja que se entende na expectativa do arrebatamento como escape das mazelas do mundo, ainda não compreendeu a dimensão holística da mensagem de esperança que ela, a igreja, deve promover. Uma igreja que aposta na destruição do planeta como uma maneira que Deus encontrou para purificar a todos e livrar os crentes da danação eterna, ainda não se deu conta do papel que a igreja exerce na construção da história. Uma igreja que interpreta textos do Novo Testamento com teor escatológico como se eles fossem fatalistas, ainda não compreendeu corretamente esses textos e muito menos o livro de Apocalipse. O Apocalipse não foi escrito para cristãos em fuga e muito menos para quem gostaria de dar um “adeus” a este mundo e ir para o “céu”. Antes, o Apocalipse foi escrito “para os militantes da resistência contra poderes ímpios nesta terra [...], foi escrito por amor a este mundo de Deus”.¹¹

Para Moltmann, “a teologia da esperança não é nenhuma teoria da história universal nem um prognóstico apocalíptico. Trata-se de uma teologia de militantes, não de espectadores”.¹² A partir disso é possível compreender o papel da igreja nesse mundo quando a sua mensagem proclamada tem como fundamento a esperança. Moltmann nunca escondeu que a sua principal “intenção com a ‘teologia da esperança’ não foi outra senão devolver à igreja, ou melhor, à cristandade, sua autêntica esperança para um novo mundo”.¹³ Munidos da esperança, a igreja não pode ter outra mensagem que não seja de esperança! Essa esperança permeia a promessa de Deus, que abre o futuro, dando a igreja a incumbência da missão que entra na história e assim antecipa o futuro.¹⁴ A comunidade imbuída de uma escatologia que tem a esperança do Reino de Deus, estará fincada neste mundo. Não cabe outra alternativa senão viver as mazelas desse mundo apontando para o começo do fim, o Cristo. Isso porque “o fim de Cristo no tempo foi,

⁹ ROLDÁN, 2001, p. 21-36.

¹⁰ MOLTSMANN, Jürgen. *Vinda de Deus: escatologia cristã*. São Leopoldo: UNISINOS, 2002, p. 38.

¹¹ MOLTSMANN, 2002, p. 170-171.

¹² MOLTSMANN, 2002, p. 162.

¹³ MOLTSMANN, Jürgen. *Vida, esperança e justiça: um testamento teológico para a América Latina*. São Bernardo do Campo: EDITEO, 2008, p. 29.

¹⁴ MOLTSMANN, 2008, p. 32.

no fim das contas, o começo de seu futuro”.¹⁵ Futuro esse que a igreja agora participa por meio da esperança. E a “esperança cristã é uma esperança bem fundamentada e não uma fantasia livre-flutuante. Nossa esperança não segue especulações sobre a vinda de tempo melhores ou piores [...]. Na ressurreição de Cristo vemos o começo da nova vida e da nova criação de todas as coisas [...]. Com Cristo, a nova vida começa aqui e agora, no meio desta vida”.¹⁶

Assumindo essa perspectiva escatológica moltmanniana, não é possível ficarmos inertes ao debate que o mundo trava sobre a crise climática. As mudanças climáticas é um debate sobre a vida e para esta vida. A igreja precisa, necessita, participar disso com uma mensagem que a ela é inerente, a esperança de novos céus e nova terra. Por essa razão, Moltmann sempre colocou em suas contribuições o tema da ecologia. Não poupou críticas ao modo de vida da sociedade moderna e a sua maneira de maltratar a natureza e os recursos do planeta. Cobrou uma postura ética da igreja e das nações diante dos menos favorecidos economicamente e um compromisso com a responsabilidade ambiental.¹⁷

3. A igreja e a escatologia do cuidado

Uma escatologia comprometida com o cuidado da criação precisa repensar temas do esboço escatológico que, de alguma maneira e por influências diversas, são “senso comum” entre a maioria dos evangélicos no Brasil. Já acentuamos que a herança escatológica dos missionários estadunidenses foi fator preponderante para a formação da mentalidade evangélica quanto às concepções e modelos escatológicos, dentre eles o mais conhecido como pré-milenismo e o dispensacionalismo.¹⁸ Não por acaso, os adeptos dessa versão escatológica enxergam em Israel o termômetro escatológico do mundo, defendendo a nação israelense por entender que Deus tem um propósito com a nação e a sua terra que ainda será cumprido. A maioria ignora as diferenças que há entre o Israel político de hoje com o Israel bíblico do Antigo Testamento. Igualmente, ignoram a relação que o Novo Testamento faz entre Israel e a Igreja.

Só será possível se comprometer com uma escatologia do cuidado para com o mundo e o planeta, quando houver uma compreensão de que a atuação da igreja se dá neste tempo antecipando o aparecimento de novos céus e nova terra. A mentalidade escatológica que herdamos, trata o mundo com potencial altíssimo de ser destruído. O raciocínio é muito simples: se “Jesus está voltando” para levar os crentes deste mundo, por que se envolver com ele? Se este mundo será destruído quando na “segunda vinda de Jesus”, o que acontece nele só reforça que o “fim está chegando”. Esse entendimento favoreceu o uso dos recursos do planeta de maneira indiscriminada, tendo como base político-teológica a ideia escatológica de dominação do planeta até a “segunda vinda de Jesus”.¹⁹

¹⁵ MOLTSMANN, Jürgen. “No fim está o meu começo: uma esperança para a vida – uma vida de esperança”. In: KOHL, Manfred W.; BARRO, Antonio Carlos (Orgs.). *A igreja do futuro*. Londrina: Descoberta, 2011, p. 276.

¹⁶ MOLTSMANN, 2011, p. 276.

¹⁷ MOLTSMANN, Jürgen. *La justicia crea futuro: política de paz y ética de la creación en un mundo amenazado*. Santander: Sal Terrae, 1992, p. 77-90.

¹⁸ Para uma análise sobre o tema, ver: ERICKSON, Millard J. *Opções contemporâneas na escatologia: um estudo do milênio*. São Paulo: Vida Nova, 1982, p. 91-103.

¹⁹ GEERING, Lloyd. *Mundo futuro: do passado cristão ao futuro global*. São Paulo: Fonte Editorial, 2011, p. 177-178.

A fim de repensar a mentalidade escatológica que gera posturas e ideias como a de James Gaius Watt, que ainda ecoam em versões escatológicas de muitos evangélicos brasileiros, faremos uso das reflexões escatológicas de N. T. Wright para pensar uma escatologia do cuidado.

N. T. Wright é um teólogo britânico que, há mais de uma década, ficou conhecido no ambiente evangélico brasileiro por conta de inúmeros títulos traduzidos por editoras evangélicas e católicas. Como exegeta que tem na teologia bíblica seu primeiro ponto de contato com o texto bíblico, Wright conjuga erudição acadêmica com as preocupações que pautam o debate no mundo, não deixando a teologia fora deste tempo.

A primeira ideia escatológica que precisa ser aferida é a concepção de que este mundo vai acabar e que os crentes estão caminhando para o fim e o planeta, em breve, será destruído e todos os salvos por Jesus estarão com ele no “céu”. Esse entendimento está nos cancionários das igrejas e nas conferências escatológicas que ocorrem pelo Brasil. Há pregadores que fazem um certo “terrorismo” com imagens apocalípticas do “fim do mundo”, gerando medo e culpa. Já N. T. Wright, fazendo uma leitura de Paulo, principalmente de Romanos 8, concluiu que o texto “não descreve uma catástrofe cósmica ou um ‘desastre’ [...]. A criação não será destruída, muito pelo contrário. Ela será liberta da destruição, da limitação rigorosa imposta pela ‘decadência’”.²⁰ No Novo Testamento não há qualquer ensino elaborado sobre a destruição da criação.²¹ Com a morte e ressurreição de Jesus, inicia-se uma nova criação. Assim, não faz o menor sentido apregoar a destruição da criação amada por Deus. Até porque, os “primeiros seguidores, incluindo os escritores do Novo Testamento, não esperavam que o mundo acabasse”.²² Ao contrário, a proclamação do Reino de Deus “não diz respeito a um destino pós-morte nem a escapar deste mundo para outro”.²³ Antes, a mensagem escatológica do Novo Testamento é de que haverá um momento em que céu e terra se tornarão uma nova dimensão em Deus; a nova Jerusalém em Apocalipse 21 e 22 descerá do céu e se unirá com a terra em um abraço eterno.²⁴ Portanto, céu não é um destino futuro dos crentes, céu é uma linguagem que o Novo Testamento adota para falar da plenitude que Deus concretizará quando restaurar a criação. A maneira como os cristãos veem o mundo sem a escatologia neotestamentária tem suas raízes no platonismo ocidentalizado e no gnosticismo desmaterializado. Somente no platonismo cristianizado “as almas vão para o céu”²⁵ e no gnosticismo o mundo é irrelevante e perverso.²⁶ No Novo Testamento, a “salvação não é ir para o céu, mas ser ressuscitado para a vida no novo céu e na nova terra de Deus”.²⁷

A escatologia do cuidado passa por essa compreensão de que a terra, não será abandonada. A criação de Deus está à espera dos seus filhos e enquanto isso não acontece ela geme. Daí a tarefa da igreja em antecipar o futuro de Deus para que novos céus e nova terra seja a plenitude do céu de Deus. A igreja não pode se esquivar, muito menos se abster de encarar as mudanças climáticas, porque foi dado a ela, a igreja, a tarefa de sinalizar o Reino de Deus e anunciar o plano

²⁰ WRIGHT, N. T. *História e escatologia: Jesus e a promessa da teologia natural*. Rio de Janeiro: Thomas Nelson, 2021, p. 220.

²¹ O texto bíblico de 2Pedro 3,10 não faz referência à destruição da terra, antes é uma escatologia que segue ligada com a postura ética que aguarda a *parousia*.

²² WRIGHT, 2021, p. 240.

²³ WRIGHT, N. T. *Surpreendido pela esperança*. Viçosa: Ultimato, 2009, p. 34.

²⁴ WRIGHT, 2009, p. 35.

²⁵ WRIGHT, 2021, p. 332.

²⁶ WRIGHT, 2009, p. 106.

²⁷ WRIGHT, 2009, p. 213.

que Deus tem para esta terra. “A igreja é o projeto-piloto para a nova criação”.²⁸ O contexto é propício e a necessidade urgente.

A escatologia do cuidado também envolve a pastoralidade da igreja. A igreja opera entre a memória da cruz e a esperança da ressurreição. Isso dá a ela a condição de vivenciar não um tempo de espera, mas sim de ação, porque o seu horizonte de atuação se dá a partir do Reino de Deus que está em fermentação. Nesse sentido, não se trata de uma escatologia de “sala de espera”, mas, sim, de movimento, uma vez que “a esperança do cristianismo não está voltada para um ‘outro mundo’, mas sim para o mundo transformado dentro do Reino de Deus”.²⁹

Por ter esse caráter de transitoriedade, mas ao mesmo tempo permanência enquanto presença no mundo, a igreja carrega uma condição que nenhuma perspectiva política poderia ter, qual seja, a capacidade de atuar na visualização da criação, mas a partir de categorias que estão para além do meramente contrato social, uma vez que a sua principal característica política não está sujeita, em tese e na prática, ao ordenamento político-jurídico-econômico vigente. Nesse sentido, isso é algo revolucionário.

Considerações finais

A escatologia do cuidado, que a igreja detém enquanto mensagem e prática para o mundo, dá a ela condições para entrar no debate que segue na agenda mundial: a crise climática. Tema ignorado por uma leitura equivocada da escatologia do Novo Testamento, mas que também recebeu uma influência político-teológica do segmento protestante que não estava nenhum pouco interessado em compreender a ecoteologia.

O *cronos* é favorável para a igreja e sua mensagem de esperança. Uma vez que a igreja opera dentro do *kairós* de Deus, ela tem a prerrogativa bíblico-teológica de denunciar que o progresso tão enaltecido devido ao avanço da ciência e da economia global é um engodo, porque se trata, no fundo, de uma visão idolátrica do que vem a ser novos céus e nova terra prometidos por Deus para a sua criação.

O mundo está se dando conta de que a sua ganância não dará ao planeta qualquer perspectiva de futuro. Ao contrário, o futuro segue incerto devido à crise climática em curso, resultado do avanço predatório em que a modernidade incentivou. Os governos e as nações estão ainda comprometidos em tirar do planeta os seus recursos e as medidas que as COPs planejam alcançar para atenuar os estragos climáticos não encontram forças suficientes para prosseguir, porque há um deus chamado capitalismo que segue exigindo sacrifícios humanos dentro de uma economia desumana e da Terra, que custa a respirar. A igreja estará disposta a colocar a sua mensagem de esperança no debate? Este é o momento: apresentar uma escatologia que tem no cuidado do planeta o seu foco, uma vez que antecipa o futuro de novos céus e nova terra para os ressuscitados em Cristo.

²⁸ WRIGHT, 2021, p. 381.

²⁹ MOLTSMANN, Jürgen. *A igreja no poder do Espírito: uma contribuição à eclesiologia messiânica*. Santo André: Academia Cristã, 2013, p. 219.

Referências

- ERICKSON, Millard J. *Opções contemporâneas na escatologia: um estudo do milênio*. São Paulo: Vida Nova, 1982.
- GEERING, Lloyd. *Mundo futuro: do passado cristão ao futuro global*. São Paulo: Fonte Editorial, 2011.
- MACARTHUR, JR., John. *A sós com Deus: o poder e a paixão pela oração*. Brasília: Palavra, 2009.
- MENDONÇA, Antonio Gouvêa. “A Bíblia cativa, Cristo no céu e a igreja ausente”. *Estudos de Religião*, ano IV, n. 6, p. 168-170, 1989.
- MENDONÇA, Antonio Gouvêa. *O celeste porvir: a inserção do protestantismo no Brasil*. São Paulo: ASTE, 1995.
- MOLTMANN, Jürgen. “No fim está o meu começo: uma esperança para a vida – uma vida de esperança”. In: KOHL, Manfred W.; BARRO, Antonio Carlos (Orgs.). *A igreja do futuro*. Londrina: Descoberta, 2011, p. 271-288.
- MOLTMANN, Jürgen. *A igreja no poder do Espírito: uma contribuição à eclesiologia messiânica*. Santo André: Academia Cristã, 2013.
- MOLTMANN, Jürgen. *La justicia crea futuro: política de paz y ética de la creación en un mundo amenazado*. Santander: Sal Terrae, 1992.
- MOLTMANN, Jürgen. *Vida, esperança e justiça: um testamento teológico para a América Latina*. São Bernardo do Campo: EDITEO, 2008.
- MOLTMANN, Jürgen. *Vinda de Deus: escatologia cristã*. São Leopoldo: UNISINOS, 2002.
- ROLDÁN, Alberto Fernando. *Do terror à esperança: paradigmas para uma escatologia integral*. Londrina: Descoberta, 2001.
- VEIGA, José Eli da. *O Antropoceno e as humanidades*. São Paulo: Editora 34, 2023.
- WALLACE-WELLS, David. *A terra inabitável: uma história do futuro*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- WRIGHT, N. T. *História e escatologia: Jesus e a promessa da teologia natural*. Rio de Janeiro: Thomas Nelson, 2021.
- WRIGHT, N. T. *Surpreendido pela esperança*. Viçosa: Ultimato, 2009.

Submetido em: 31/07/2024

Aprovado em: 25/11/2024